

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

MAIO DE 1858

N.º 5

Teoria das Manifestações Físicas

(PRIMEIRO ARTIGO)

Concebe-se facilmente a influência moral dos Espíritos e as relações que possam ter com nossa alma, ou com o Espírito em nós encarnado. Compreende-se que dois seres da mesma natureza possam comunicar-se pelo pensamento, que é um de seus atributos, sem o auxílio dos órgãos da palavra; porém, mais difícil de compreender são os efeitos materiais que eles podem produzir, tais como ruídos, movimentos de corpos sólidos e aparições, sobretudo as tangíveis. Vamos tentar dar a explicação, segundo os próprios Espíritos e conforme a observação dos fatos.

A idéia que fazemos da natureza dos Espíritos torna, à primeira vista, incompreensíveis esses fenômenos. Diz-se que o Espírito é a ausência completa da matéria, portanto não pode agir materialmente; ora, aí está o erro. Interrogados sobre a questão de saber se são imateriais, assim responderam os Espíritos: “*Imaterial* não é bem o termo, porquanto o Espírito é alguma coisa, sem o que seria o nada. É, se quiserdes, matéria, mas de tal forma etérea que para vós é como se não existisse.”³⁰ Assim, o Espírito não é, como alguns pensam, uma abstração; é um *ser*, mas cuja natureza íntima escapa totalmente aos nossos sentidos grosseiros.

Encarnado no corpo, o Espírito constitui a alma; quando o deixa com a morte, não sai despojado de todo o envoltório. Dizem-nos todos que conservam a forma que tinham quando vivos e, de fato, quando nos aparecem, geralmente é sob aquela por que os conhecemos na Terra.

Observemo-los atentamente no momento em que acabam de deixar a vida: acham-se em estado de perturbação; ao seu redor tudo é confuso; vêem seu corpo são ou mutilado, segundo o gênero de morte; por outro lado, vêem-se e sentem-se vivos; alguma coisa lhes diz que aquele é o seu corpo e não compreendem porque deles estão separados: o laço que os unia, pois, não está ainda completamente rompido.

Dissipado esse primeiro momento de perturbação, o corpo torna-se para eles uma roupa velha, da qual se despojaram e que não lamentam, mas continuam a se ver em sua forma primitiva. Ora, isto não é um sistema: é o resultado das observações feitas com inúmeros sensitivos. Que se reportem agora ao que narramos de certas manifestações produzidas pelo Sr. Home e outros médiuns desse gênero: aparecem mãos, que têm todas as propriedades de mãos vivas, que tocamos, que nos seguram e que se esvanecem repentinamente. Que devemos concluir disso? Que a alma não deixa tudo no caixão e que leva alguma coisa consigo.

Assim, haveria em nós duas espécies de matéria: uma grosseira, que constitui o envoltório externo; a outra sutil e indestrutível. A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação da primeira, daquela que a alma abandona; a outra se libera e segue a alma que, dessa maneira, continua tendo sempre um envoltório; é o que chamamos *perispírito*. Essa matéria sutil, extraída por assim dizer de todas as partes do corpo ao qual estava ligada durante a vida, dele conserva a forma; eis por que os Espíritos se vêem e por que nos aparecem tais quais eram quando vivos. Mas essa matéria sutil não tem a tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo;

é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível; por isso a forma que toma, embora calcada sobre a do corpo, não é absoluta: dobra-se à vontade do Espírito, que pode dar-lhe tal ou qual aparência, à sua vontade, ao passo que o envoltório sólido oferece-lhe uma resistência insuperável. Desembaraçado desse entrave que o comprimia, o perispírito dilata-se ou se contrai, transforma-se, presta-se a todas as metamorfoses, segundo a vontade que atua sobre ele.

Prova a observação – e insistimos nesse vocábulo observação, porque toda a nossa teoria é conseqüência de fatos estudados – que a matéria sutil que constitui o segundo envoltório do Espírito só pouco a pouco se desprende do corpo, e não instantaneamente. Assim, os laços que unem a alma e o corpo não são subitamente rompidos pela morte. Ora, o estado de perturbação que observamos dura todo o tempo em que se opera o desprendimento; o Espírito não recobra a inteira liberdade de suas faculdades, nem a consciência clara de si mesmo, senão quando esse desprendimento é completo.

A experiência prova ainda que a duração desse desprendimento varia segundo os indivíduos. Em alguns se opera em três ou quatro dias, enquanto em outros somente se completa ao cabo de vários meses. Assim, a destruição do corpo e a decomposição pútrida não bastam para operar a separação; eis por que certos Espíritos dizem: sinto os vermes a me roerem.

Em algumas pessoas a separação começa antes da morte; são as que em vida se elevaram, pelo pensamento e pela pureza de seus sentimentos, bem acima das coisas materiais; nelas a morte encontra apenas fracos liames entre a alma e o corpo, e que se rompem quase instantaneamente. Quanto mais o homem viveu materialmente, quanto mais seus pensamentos foram absorvidos nos prazeres e nas preocupações da personalidade, tanto mais tenazes são esses laços; parece que a matéria sutil se identifica com a matéria

compacta e que entre elas haja coesão molecular; daí por que não se separam senão lenta e dificilmente.

Nos primeiros instantes que se seguem à morte, quando ainda existe união entre o corpo e o perispírito, conserva este muito melhor a impressão da forma corpórea, da qual reflete, por assim dizer, todos os matizes e, mesmo, todos os acidentes. Eis por que um supliciado nos dizia, poucos dias após a sua execução: se pudésseis ver-me, ver-me-íeis com a cabeça separada do tronco. Um homem que morreu assassinado, nos dizia: Vede a ferida que me fizeram no coração. Acreditava que poderíamos vê-lo.

Essas considerações levaram-nos a examinar a interessante questão da sensação dos Espíritos e de seus sofrimentos; fá-lo-emos em outro artigo, limitando-nos aqui ao estudo das manifestações físicas.

Imaginemos, pois, o Espírito revestido de seu envoltório semimaterial, ou perispírito, tendo a forma ou a *aparência* que possuía quando encarnado. Alguns até se servem dessa expressão para se designarem; dizem: minha aparência está em tal lugar. Evidentemente, estão aí os manes dos Antigos. A matéria desse envoltório é bastante sutil para escapar à nossa vista, em seu estado normal, mas nem por isso deixa de ser visível. Nós a percebemos, primeiro, pelos olhos da alma, nas visões produzidas durante os sonhos; porém, não é disso que vamos nos ocupar. Essa matéria eterizada é passível de modificações, e o próprio Espírito pode fazê-la sofrer uma espécie de condensação que a torna perceptível aos olhos materiais: é o que acontece nas aparições vaporosas. A sutileza dessa matéria permite-lhe atravessar os corpos sólidos, razão por que tais aparições não encontram obstáculos e por que tantas vezes se desvanecem através das paredes.

A condensação pode chegar a ponto de produzir a resistência e a tangibilidade; é o caso das mãos que podemos ver e

tocar; mas essa condensação – única palavra de que nos podemos servir para exprimir o nosso pensamento, embora a expressão não seja perfeitamente exata – essa condensação, dizíamos, ou melhor, essa solidificação da matéria eterizada é apenas temporária ou accidental, visto não se encontrar em seu estado normal. Daí por que essas aparições tangíveis, num determinado momento, nos escapam como uma sombra. Assim, do mesmo modo que vemos um corpo se nos apresentar em estado sólido, líquido ou gasoso, conforme seu grau de condensação, de igual modo a matéria do perispírito poderá apresentar-se em estado sólido, vaporoso visível, ou vaporoso invisível. Veremos, a seguir, como se opera essa modificação.

A mão aparente tangível oferece uma resistênciã; exerce uma pressã; deixa impressões; opera uma tração sobre os objetos que seguramos; há, pois, nela uma força. Ora, esses fatos, que não são hipóteses, podem conduzir-nos à explicação das manifestações físicas.

Notemos, em primeiro lugar, que essa mão obedece a uma inteligência, visto agir espontaneamente; que dá sinais inequívocos de vontade e obedece a um pensamento: pertence, pois, a um ser completo, que se nos revela apenas por essa parte de si mesmo; e a prova disso é a impressão que produz das partes invisíveis, os dentes deixando marcas impressas na pele e provocando dor.

Entre as diferentes manifestações, uma das mais interessantes, sem dúvida, é o toque espontâneo dos instrumentos musicais. Os pianos e os acordeões parecem ser, para esse efeito, os instrumentos de predileção. Esse fenômeno explica-se muito naturalmente pelo que o precede. A mão que tem a força de segurar um objeto pode muito bem apoiar-se sobre as teclas e fazê-las ressoar; aliás, por diversas vezes vimos os dedos da mão em ação e, quando a mão não é vista, vêem-se as teclas se agitarem e o fole

abrir-se e fechar-se. Essas teclas só podem ser movidas por mão invisível, dando prova de sua inteligência, tocando árias perfeitamente ritmadas, e não como sons incoerentes.

Uma vez que essa mão pode enfiar-nos as unhas na carne, beliscar-nos, arrebatrar aquilo que temos na mão; desde que a vemos apanhar e transportar um objeto, como o faríamos nós mesmos, pode muito bem dar pancadas, levantar e derrubar uma mesa, agitar uma campainha, puxar cortinas e, até mesmo, dar-nos uma bofetada invisível.

Sem dúvida perguntarão como pode essa mão ter a mesma força, tanto no estado vaporoso invisível quanto no estado tangível. E por que não? Não vemos o ar derrubar edifícios, o gás lançar projéteis, a eletricidade transmitir sinais e o fluido do ímã levantar massas? Por que a matéria eterizada do perispírito seria menos poderosa? Não a queiramos submeter às nossas experiências de laboratório e às nossas fórmulas algébricas; sobretudo por havermos tomado os gases como termo de comparação, não lhes vamos atribuir propriedades idênticas, nem computar suas forças como calculamos a do vapor. Até o momento ela escapa a todos os nossos instrumentos; é uma nova ordem de idéias que está fora da alçada das ciências exatas; eis por que essas ciências não nos oferecem aptidão especial para as apreciar.

Demos essa teoria do movimento dos corpos sólidos sob a influência dos Espíritos, somente para mostrar a questão sob todas as faces e provar que, sem nos afastarmos muito das idéias preconcebidas, podemos dar-nos conta da ação dos Espíritos sobre a matéria; mas outra há, de elevado alcance filosófico, dada pelos próprios Espíritos, e que lança sobre essa questão uma luz inteiramente nova. Compreendê-la-emos melhor depois de a havermos lido; aliás, é útil conhecer todos os sistemas, a fim de se poder compará-los.

Resta, pois, explicar agora como se opera essa modificação da substância eterizada do perispírito; por que processo o Espírito opera e, em conseqüência, qual o papel dos médiuns de efeitos físicos na produção desses fenômenos; aquilo que neles se passa em tais circunstâncias, a causa e a natureza de suas faculdades, etc. É o que faremos no próximo artigo.

O Espírito Batedor de Bergzabern

Já tínhamos ouvido falar de certos fenômenos espíritas que em 1852 fizeram muito alarido na Baviera renana, nos arredores de Spira, e sabíamos até que um relato autêntico havia sido publicado numa brochura alemã. Depois de longas e infrutíferas pesquisas, uma dama, dentre as nossas assinantes da Alsácia, demonstrando nessa circunstância um zelo e uma perseverança de que lhe seremos eternamente agradecidos, finalmente conseguiu obter um exemplar daquela brochura e no-lo ofereceu. Damos, a seguir, sua tradução *in extenso*; sem dúvida será lida com grande interesse, pois, dentre tantas outras, é uma prova a mais de que os fatos desse gênero são de todos os tempos e países, já que ocorreram numa época em que apenas se começava a falar em Espíritos.

PREFÁCIO

Há vários meses um acontecimento muito estranho tornou-se o assunto preferido de todas as conversas em nossa cidade e em seus arredores. Referimo-nos ao *Batedor*, como é chamado, da casa do alfaiate Pierre Sanger.

Até então nos abstivemos de qualquer relato em nossa folha – o *Jornal de Bergzabern* – sobre as manifestações que se produziram nessa casa desde o dia 1º de janeiro de 1852. Como, porém, chamaram a atenção geral, a tal ponto que as autoridades se sentiram no dever de pedir ao Dr. Beutner uma explicação a esse

respeito, chegando o Dr. Dupping, de Spira, a dirigir-se ao local para observar os fatos, não nos podemos furtar, por mais tempo, ao dever de dar-lhes publicidade.

Não esperem nossos leitores uma apreciação nossa sobre a questão, pois nos sentiríamos muito embaraçados; deixamos essa tarefa aos que, pela natureza de seus estudos e de sua posição, estão mais aptos a se pronunciarem, o que, aliás, farão sem dificuldade, caso consigam descobrir a razão daqueles efeitos. Quanto a nós, limitar-nos-emos ao simples relato dos fatos, principalmente daqueles que testemunhamos ou que ouvimos de pessoas dignas de fé, deixando que o leitor forme a sua própria opinião.

F.-A. Blanck

Redator do *Jornal de Bergzabern*

Maio de 1852.

No dia 1º de janeiro deste ano (1852), na casa em que habitava e num quarto vizinho ao em que comumente ficava, a família Pierre Sanger, de Bergzabern, ouviu um ruído como se fora um martelamento, iniciando-se por golpes surdos que pareciam vir de longe e que se tornavam progressivamente mais fortes e distintos. Esses golpes davam a impressão de ser desferidos contra a parede, perto da qual se achava o leito onde dormia seu filho, de onze anos de idade. Habitualmente era entre nove horas e meia e dez e meia que o ruído se fazia ouvir. A princípio o casal Sanger não lhe deu maior importância; porém, como tal singularidade se repetisse a cada noite, pensaram que poderia vir da casa vizinha, onde, à guisa de passatempo, um enfermo se distraísse em tamborilar contra a parede. Contudo, logo o casal se convenceu de que o doente não era nem poderia ser a causa do ruído. O chão do quarto foi revolido, a parede derrubada, mas sem qualquer resultado. O leito foi removido para o lado oposto do quarto; e então – coisa admirável! – o ruído passou a ser ouvido desse lado, tão logo o menino dormia. Estava muito claro que de alguma forma a criança tomava parte na manifestação daquele ruído; como as pesquisas da polícia nada

descobriram, começou-se a pensar que o fenômeno pudesse ser atribuído a uma doença do garoto ou a uma particularidade de sua conformação. Contudo, nada até agora veio confirmar essa hipótese. É ainda um enigma para os médicos.

Com o passar do tempo, a coisa não fez senão desenvolver-se; o ruído se prolongou além de uma hora, e as batidas tinham mais força. A criança foi trocada de quarto e de leito, mas o batedor se manifestou nesse outro quarto, sob a cama, na cama e na parede. As batidas não eram idênticas; ora eram fortes, ora fracas e isoladas, ora, enfim, sucedendo-se rapidamente e seguindo o ritmo das marchas militares e dos bailados.

O garoto ocupava, desde alguns dias, o quarto acima mencionado quando notaram, durante o sono, que ele emitia palavras curtas e incoerentes. Logo se tornaram mais distintas e mais inteligíveis; dir-se-ia que a criança conversava com outra pessoa, sobre a qual tinha autoridade. Entre os fatos que diariamente se produziam, o autor desta brochura narrará um, do qual foi testemunha: Achava-se a criança no leito, deitada sobre o lado esquerdo. Tão logo pegou no sono, os golpes começaram, pondo-se ela a falar assim: “Tu, tu, bate uma marcha.” E o batedor batia uma marcha que se assemelhava bastante a uma marcha da Bavária. À ordem de “Alto!” dada pela criança, o batedor parou. Então a criança ordenou: “Bate três, seis, nove vezes”, e o batedor executou a ordem. A uma nova ordem de bater 19 golpes, 20 pancadas fizeram-se ouvir; completamente adormecida, a criança disse: “Não está certo, são 20 golpes”, e logo 19 golpes foram contados. Em seguida, o menino ordenou 30 golpes: ouviram-se 30 batidas. “100 golpes”. Não se pôde contar senão até 40, tão rapidamente se sucediam as pancadas. Ao último golpe, disse o garoto: “Muito bem; agora 110”. Aqui só se pôde contar cerca de 50 pancadas. Quando soou o último golpe, o dorminhoco disse: “Não é isso, foram apenas 106” e logo mais quatro pancadas fizeram-se ouvir para completar o número 110. Depois ele pediu: “Mil!”; somente 15 golpes foram dados. “Vamos,

diga lá!” Houve ainda 5 pancadas e o batedor parou. Então os assistentes tiveram a idéia de ordenar diretamente ao batedor, executando este as ordens que lhe eram dadas. Ele se calou à ordem de “Alto! Silêncio! Paz!”. Depois, por si mesmo e sem comando, recomeçou a bater. Num canto do quarto, em voz baixa, um dos assistentes disse que queria ordenar, apenas pelo pensamento, 6 batidas. O experimentador postou-se diante do leito e não disse sequer uma palavra: foram ouvidas as 6 pancadas. Ainda por pensamento foram comandados 4 golpes e os 4 golpes foram batidos. A mesma experiência foi tentada por outras pessoas, nem sempre com sucesso. Logo a criança distendeu os membros, afastou o cobertor e se levantou.

Quando lhe perguntaram o que havia acontecido, respondeu que tinha visto um homem grande e mal-encarado, que se mantinha diante de seu leito a apertar-lhe os joelhos. Acrescentou que sentia dor nos joelhos quando o homem batia. A criança dormiu novamente e as mesmas manifestações se reproduziram até que o relógio do quarto bateu onze horas. De repente o batedor parou, o menino entrou em sono tranqüilo, o que foi reconhecido pela regularidade da respiração, e nada mais foi ouvido naquela noite. Observamos que o batedor obedecia ao comando de bater marchas militares. Várias pessoas afirmaram que quando se lhe pedia uma marcha russa, austríaca ou francesa, ela era batida com muita exatidão.

No dia 25 de fevereiro, estando adormecido, disse o menino: “Não queres mais bater agora, queres arranhar; pois bem! quero ver como o farás”. Com efeito, no dia seguinte, 26, em lugar das pancadas, ouviu-se um arranhar que parecia vir do leito e que se tem manifestado até hoje. Os golpes se misturavam à raspadela, ora alternadamente, ora simultaneamente, de tal sorte que nas árias de marcha ou de dança a raspadura marcava a primeira parte e os golpes a segunda. Conforme o pedido, a hora do dia e a idade das pessoas presentes eram indicadas por raspagem ou por golpes secos.

Em relação à idade das pessoas, às vezes havia erros, logo corrigidos na 2ª ou 3ª tentativas, quando se dizia que o número de pancadas não era exato. Amiúde, em vez de dar a idade pedida, o batedor executava uma marcha.

A linguagem da criança, durante o sono, tornava-se cada dia mais perfeita. Aquilo que a princípio não passava de simples palavras ou ordens muito breves ao batedor, com o tempo se transformou numa conversa ordenada com os pais. Assim, um dia ele se entretteve com a irmã mais velha sobre assuntos religiosos e, em tom de exortação e de instrução, disse-lhe que devia ir à missa, orar todos os dias e mostrar submissão e obediência aos pais. À noite, retomou o mesmo assunto de conversa; em seus ensinamentos nada havia de teológico, mas apenas algumas noções que se aprende na escola.

Antes dessas palestras, pelo menos durante uma hora ouviam-se pancadas e arranhões, não somente durante o sono do garoto, mas, até mesmo, no estado de vigília. Vimo-lo beber e comer enquanto as batidas e raspadelas se manifestavam, e o vimos também, acordado, a dar ordens ao batedor, que foram todas executadas.

Na noite de sábado, 6 de março, havendo o menino predito a seu pai, durante o dia e completamente desperto, que o batedor apareceria às nove horas, várias pessoas se reuniram na casa dos Sanger. Às nove horas em ponto, quatro golpes foram batidos na parede com tanta violência que os assistentes se assustaram. Logo, e pela primeira vez, as batidas foram dadas na madeira da cama e exteriormente; o leito abalou-se todo. Esses golpes manifestaram-se de todos os lados da cama, ora num lugar, ora noutro. As pancadas e as arranhaduras alternavam-se no leito. A uma ordem do menino e das pessoas presentes, ora os golpes se faziam ouvir no interior do leito, ora no exterior. De repente, a cama levantou-se em sentidos diferentes, enquanto os golpes eram batidos

com força. Mais de cinco pessoas tentaram, sem sucesso, fazê-la voltar ao chão; tendo sido abandonada, ela se balançou ainda por alguns instantes, retomando depois a sua posição natural. Esse fato já havia ocorrido uma vez, antes dessa manifestação pública.

Toda noite, também, a criança fazia uma espécie de discurso. Falaremos disso muito sucintamente.

Antes de tudo é preciso notar que o garoto, assim que baixava a cabeça, logo dormia, e as pancadas e os arranhões começavam. Com os golpes, ele gemia, agitava as pernas e parecia sentir-se mal. O mesmo não ocorria com as raspadelas. Chegado o momento de falar, deitava sobre o dorso e sua face tornava-se pálida, assim como suas mãos e braços. Com a mão direita fazia sinal, dizendo: “Vamos! vem para perto do meu leito e junta as mãos: vou te falar do Salvador do mundo.” Então cessavam os golpes e os arranhões, e todos os assistentes ouviam com respeitosa atenção o discurso do adormecido.

A criança falava lentamente e de modo muito inteligível em puro alemão, o que surpreendia bastante, tanto mais quanto se sabia que era menos adiantada do que seus colegas de escola, sobretudo em virtude de uma moléstia dos olhos que a impedia de estudar. Suas palestras versavam sobre a vida e as ações de Jesus, desde os doze anos, de sua presença no templo com os escribas, de seus benefícios à Humanidade e de seus milagres; em seguida, estendia-se sobre o relato de seus sofrimentos, censurando severamente os judeus por o haverem crucificado, apesar de seus numerosos atos de bondade e de suas bênçãos. Terminando, o garoto dirigia a Deus uma prece fervorosa, rogando que “lhe concedesse a graça de suportar, com resignação, os sofrimentos que lhe enviara, pois que o havia escolhido para entrar em comunicação com o Espírito.” Pedia a Deus não o deixasse morrer ainda, pois era apenas uma criança e não queria baixar à tumba escura. Terminados seus discursos, recitava em voz solene o *Pater noster*, após o que dizia:

“Agora podes vir”; imediatamente as batidas e as arranhaduras recommçavam. Ainda falou duas vezes ao Espírito e, a cada uma delas, o Espírito batedor parava. Dizia ainda algumas palavras e terminava assim: “Agora podes ir embora, em nome de Deus”. E despertava.

Durante essas conversas os olhos do menino ficavam bem fechados; os lábios, porém, se mexiam; as pessoas que estavam mais próximas do leito podiam observar-lhe os movimentos. A voz era pura e harmoniosa.

Ao despertar, perguntavam-lhe o que havia visto e o que se tinha passado. Respondia: “O homem que vem me ver” – “Onde está ele?” – “Perto de meu leito, com as outras pessoas” – “Vistes as outras pessoas?” – “Vi todas que estavam perto de meu leito”.

Compreende-se facilmente que tais manifestações encontraram muitos incrédulos e que se supôs mesmo que essa história toda não passasse de mistificação; mas o pai era incapaz de charlatanice, sobretudo de um charlatanismo que teria exigido toda a habilidade de um prestidigitador profissional. Ele gozava da reputação de um homem honrado e honesto.

Para responder a essas suspeitas e fazê-las cessar, o garoto foi levado para uma casa estranha. Mal lá chegou e as batidas e arranhaduras fizeram-se ouvir. Além disso, alguns dias antes tinha ido com sua mãe a um pequeno vilarejo chamado Capelle, a cerca de meia légua de distância, à casa da viúva Klein; ele se disse fatigado; deitaram-no sobre um canapé e logo o mesmo fenômeno se produziu. Várias testemunhas podem confirmar o fato. Embora a criança demonstrasse estar bem de saúde, devia, apesar disso, ser afetada por uma doença que, se não fosse provada pelas manifestações acima relatadas, pelo menos o seria pelos movimentos involuntários dos músculos e dos sobressaltos nervosos.

Para terminar, destacamos que há algumas semanas a criança foi conduzida à casa do Dr. Beutner, onde deveria permanecer, a fim de que o sábio pudesse estudar de mais perto os fenômenos em questão. Desde então cessou todo o barulho na casa dos Sanger, passando, todavia, a produzir-se na casa do Dr. Beutner.

Tais são, em toda a sua autenticidade, os fatos que se passaram. Nós os entregamos ao público sem emitir juízo de valor. Oxalá possam os mais entendidos dar-lhes uma explicação satisfatória.

Blanc

Considerações sobre o Espírito Batedor de Bergzabern

É fácil a explicação solicitada pelo narrador que acabamos de citar; não existe senão uma, e apenas a Doutrina Espírita é capaz de fornecê-la. Esses fenômenos nada têm de extraordinário para quem esteja familiarizado com os que nos habituaram os Espíritos. Sabe-se que papel certas pessoas atribuem à imaginação. Sem dúvida, se a criança somente houvesse tido visões, os partidários da alucinação ter-se-iam sentido cobertos de razão. Mas aqui havia efeitos materiais de natureza inequívoca e que tiveram um grande número de testemunhas; seria preciso se imaginasse que todos estivessem alucinados a ponto de pensarem ouvir o que de fato não escutavam e verem a mobília mudando de lugar; ora, nisso haveria um fenômeno mais extraordinário ainda. Aos incrédulos só resta um recurso: negar; é mais fácil e dispensa o raciocínio.

Examinando as coisas do ponto de vista espírita, torna-se evidente que o Espírito que se manifestou era inferior ao da criança, visto que lhe obedecia; era mesmo subordinado aos assistentes, pois que também lhe davam ordens. Se não soubéssemos pela Doutrina que os Espíritos ditos batedores estão embaixo na

escala, aquilo que se passou seria uma prova disto. Realmente não se conceberia que um Espírito elevado, assim como nossos sábios e filósofos, viesse divertir-se em bater marchas e valsas; numa palavra, a representar o papel de um pelotiqueiro, nem submeter-se aos caprichos dos seres humanos. Mostra-se sob os traços de um homem mal encarado, circunstância que não pode senão corroborar essa opinião; em geral a moral se reflete no envoltório. Para nós está, pois, demonstrado que o *batedor* de Bergzabern é um Espírito inferior, da classe dos Espíritos levianos, que se manifestou como tantos outros o fizeram e ainda fazem todos os dias.

Agora, com que propósito veio? A notícia não diz que haja sido chamado; hoje, que se tem mais experiência sobre essas coisas, não se deixaria vir um visitante tão estranho sem se informar o que ele quer. Portanto, só podemos fazer uma conjectura. É verdade que nada fez que revelasse maldade ou má intenção; não experimentou o menino nenhum distúrbio, nem físico, nem moral; só os homens teriam podido perturbar sua moral, ferindo-lhe a imaginação com os contos ridículos, e é muito bom que não o tenham feito. Por muito inferior que fosse esse Espírito, não era mau nem malevolente; simplesmente era um desses Espíritos tão numerosos que, sem cessar e sem o sabermos, nos rodeiam. Nessa circunstância pode ter agido por mero capricho, como também o poderia fazer por instigação de Espíritos elevados, com vistas a despertar a atenção dos homens e de os convencer da realidade de um poder superior que se encontra fora do mundo corporal.

Quanto ao menino, é certo que era um desses médiuns de efeitos físicos, dotados, mau grado seu, dessa faculdade, e que estão para os outros médiuns assim como os sonâmbulos naturais estão para os sonâmbulos magnéticos. Essa faculdade, dirigida por um homem experimentado nessa nova ciência, poderia ter produzido coisas mais extraordinárias ainda, susceptíveis de lançar nova luz sobre esses fenômenos, que não são maravilhosos senão para os que não os compreendem.

O Orgulho

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA POR SÃO LUÍS À SENHORITA

ERMANCE DUFAUX

(19 e 26 de janeiro de 1858)

I

Um homem soberbo possuía alguns hectares de boa terra; sentia-se envaidecido pelas grandes espigas que cobriam o seu campo e olhava com desdém o campo estéril do humilde. Este se levantava ao cantar do galo e permanecia o dia todo curvado sobre o solo ingrato; recolhia pacientemente os seixos e os lançava à beira do caminho; revolvia profundamente a terra e arrancava com dificuldade os espinheiros que a cobriam. Ora, seu suor fecundou o campo e ele colheu o melhor trigo.

Entretanto, o joio crescia no campo do homem soberbo e sufocava o trigo, enquanto o dono se vangloriava de sua fecundidade, olhando com ar de piedade os esforços silenciosos do humilde.

Em verdade vos digo que o orgulhoso é semelhante ao joio que abafa o bom grão. Aquele dentre vós que acredita valer mais que seu irmão e que disso se vangloria, é insensato; sábio, porém, é o que trabalha por si mesmo, como o humilde em seu campo, sem se envaidecer de sua obra.

II

Havia um homem rico e poderoso que desfrutava o poder do príncipe; morava em palácios, e numerosos serviçais esmeravam-se por lhe adivinhar os desejos.

Um dia suas matilhas acoassavam os cervos nas profundezas da floresta quando percebeu um pobre lenhador que

caminhava com muita dificuldade, sob o peso de um feixe de lenha. Chamou-o e disse-lhe:

– Vil escravo! Por que passas teu caminho sem te inclinares diante de mim? Sou igual aos senhores da terra: nos conselhos minha voz decide a paz ou a guerra, e os maiores do reino curvam-se em minha presença. Fica sabendo que sou sábio entre os sábios, poderoso entre os poderosos, grande entre os grandes, e minha posição elevada é obra de minhas mãos.

– Senhor! – respondeu o pobre homem – temi que minha humilde saudação fosse uma ofensa para vós. Sou pobre e não possuo outro bem senão meus braços; mesmo assim, não desejo vossas grandezas enganosas. Durmo a sono solto e não receio, como vós, que o prazer do mestre me faça cair em minha obscuridade.

Ora, o príncipe se aborreceu com o orgulho do soberbo; os grandes humilhados apoderaram-se dele e o precipitaram das culminâncias de seu poder, como a folha seca que o vento varre do alto de uma montanha; mas o humilde continuou tranqüilamente seu rude trabalho, sem se preocupar com o dia seguinte.

III

Soberbo, humilha-te, porquanto a mão do Senhor dobrará teu orgulho até que se reduza a pó!

Escuta! Nascestes onde te lançou a sorte; saístes do seio de tua mãe, fraco e despido como o último dos homens. Por que elevas mais alto a fronte do que os teus semelhantes, tu que, como eles, nasceste para a dor e para a morte?

Ouve! Tuas riquezas e tuas grandezas, vaidade das vaidades, escaparão de tuas mãos quando vier o Grande Dia, como as águas errantes da torrente que o sol faz evaporar. De tuas riquezas

só levarás contigo as tábuas do caixão; e os títulos gravados na lápide sepulcral serão palavras vazias de sentido.

Escuta! O cão do coveiro brincarás com teus ossos, e eles serão misturados aos dos indigentes, confundindo-se tuas cinzas com as deles, porque um dia ambos sereis reduzidos a pó. Amaldiçoarás, então, os dons que recebeste, quando vires o mendigo revestido na sua glória, e chorarás o teu orgulho.

Humilha-te, soberbo, porquanto a mão do Senhor curvará o teu orgulho até o pó.

– Por que São Luís nos fala em parábolas?

Resp. – O Espírito humano ama o mistério; a lição se grava melhor no coração quando a procuramos.

– Não parece que atualmente a instrução nos deva ser dada de maneira mais direta, sem que precisemos recorrer à alegoria?

Resp. – Encontrá-la-eis no desenvolvimento. Desejo ser lido, e a moral necessita ser disfarçada sob a atração do prazer.

Problemas Morais Dirigidos a São Luís

1. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e jamais conheceu dificuldade; o outro deve sua fortuna ao próprio trabalho; ambos a empregaram exclusivamente na satisfação pessoal. Qual dos dois é mais culpável?

Resp. – *O que conheceu o sofrimento: ele sabe o que é sofrer.*

2. O que acumula incessantemente, sem fazer o bem a ninguém, achará uma desculpa válida em sua consciência, de que

acumula para deixar mais aos filhos?

Resp. — É um compromisso com a consciência má.

3. De dois avaros, o primeiro se priva do necessário e morre de precisão sobre o seu tesouro; o segundo só é avarento para os outros, sendo pródigo para si mesmo. Enquanto se nega ao menor sacrifício para prestar um obséquio ou fazer algo de útil, nada economiza para a satisfação de seus prazeres pessoais. Se se lhe pede um favor, está sempre de má vontade; se quer entregar-se a uma fantasia, nunca lhe falta ensejo de realizá-la. Qual o mais culpado, e qual deles terá o pior lugar no mundo dos Espíritos?

Resp. — O que goza; o outro já encontrou a sua própria punição.

4. Aquele que em vida não empregou de maneira útil a fortuna, encontra alívio em fazer o bem após a morte, pelo destino que lhe dá?

Resp. — Não; o bem vale o que custa.

Metades Eternas

Extraímos a seguinte passagem da carta de um de nossos assinantes. “(...) Há alguns anos perdi uma esposa boa e virtuosa e, malgrado me houvesse deixado seis filhos, sentia-me em completo isolamento, quando ouvi falar das manifestações espíritas. Logo me encontrava no seio de um pequeno grupo de bons amigos, que todas as noites se ocupavam desse assunto. Nas comunicações obtidas, cedo aprendi que a verdadeira vida não está na Terra, mas no mundo dos Espíritos; que minha Clémence lá era feliz e que, como os outros, trabalhava pela felicidade dos que aqui havia conhecido. Ora, eis um ponto sobre o qual desejo ardentemente ser por vós esclarecido.

“Uma noite, dizia eu à minha Clémence: querida amiga, por que, apesar de todo o nosso amor, acontecia que nem sempre nos púnhamos de acordo nas diferentes circunstâncias de nossa vida comum, e por que muitas vezes éramos forçados a nos fazer mútuas concessões para vivermos em boa harmonia?

“Ela me respondeu isto: meu amigo, éramos pessoas honradas e honestas; vivemos juntos, e poderíamos dizer, do melhor modo possível nesta Terra de provas; mas não éramos *nossas metades eternas*. Tais uniões são raras na Terra; podem ser encontradas, entretanto representam um grande favor de Deus. Os que desfrutam dessa felicidade experimentam alegrias que te são desconhecidas.

“Podes dizer-me – repliquei – se vêes tua metade eterna? – Sim, diz ela, é um pobre coitado que vive na Ásia; só poderá reunir-se a mim dentro de 175 anos, segundo a vossa maneira de contar. – Reunir-vos-eis na Terra ou num outro mundo? – Na Terra. Mas escuta: não te posso descrever bem a felicidade dos seres assim reunidos; rogarei a Heloísa e Abelardo que te venham informar. – Então, senhor, esses dois seres felizes vieram nos falar dessa indizível felicidade. “À nossa vontade”, disseram eles, “dois não fazem mais que um; viajamos nos espaços; desfrutamos de tudo; amamo-nos com um amor sem-fim, acima do qual só pode existir o amor de Deus e dos seres perfeitos. Vossas maiores alegrias não valem um só de nossos olhares, um só de nossos apertos de mão.”

“A idéia das metades eternas me alegra. Ao criar a Humanidade, parece que Deus a fez dupla e, ao separar suas duas metades, teria dito: Ide por esse mundo e procurai encarnações. Se fizerdes o bem, a viagem será curta e permitirei a vossa união; do contrário, muitos séculos se passarão antes que possais desfrutar dessa felicidade. Tal é, parece-me, a causa primeira do movimento instintivo que leva a Humanidade a buscar a felicidade; felicidade que não compreendemos e que não nos damos ao trabalho de compreender.

“Desejo ardentemente, senhor, ser esclarecido sobre essa teoria das metades eternas e ficaria feliz se encontrasse uma explicação sobre o assunto em um dos vossos próximos números (...)”

Abelardo e Heloísa, interrogados sobre esse ponto, nos deram as seguintes respostas:

P. As almas foram criadas duplas?

Resp. – Se tivessem sido criadas duplas as simples seriam imperfeitas.

P. É possível reunirem-se duas almas na eternidade e formarem um todo?

Resp. – Não.

P. Tu e Heloísa formastes, desde a origem, dois seres bem distintos?

Resp. – Sim.

P. Formai-vos ainda, neste momento, duas almas distintas?

Resp. – Sim; mas sempre unidas.

P. Todos os homens se encontram na mesma condição?

Resp. – Conforme sejam mais ou menos perfeitos.

P. Todas as almas são destinadas a um dia se unirem a uma outra alma?

Resp. – Cada Espírito tem a tendência de procurar um outro Espírito que lhe seja afim; a isso chamamos simpatia.

P. Nessa união há uma condição de sexo?

Resp. – As almas não têm sexo.

Tanto para satisfazer o desejo de nosso assinante quanto para nossa própria instrução, dirigimos ao Espírito São Luís as seguintes perguntas:

1. As almas que devem unir-se estão, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós tem, nalguma parte do Universo, *sua metade*, a que fatalmente um dia se reunirá?

Resp. – Não; não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.

2. Em que sentido se deve entender a palavra *metade*, de que alguns Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

Resp. – A expressão é inexata. Se um Espírito fosse a metade do outro, separados os dois, estariam ambos incompletos;

3. Se dois Espíritos perfeitamente simpáticos se reunirem, estarão unidos para todo o sempre, ou poderão separar-se e se unirem a outros Espíritos?

Resp. – Todos os Espíritos estão reciprocamente unidos. Falo dos que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, desde que um Espírito se eleva, já não simpatiza, como dantes, com os que lhe ficaram abaixo.

4. Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro, ou a simpatia entre eles existente é resultado de identidade perfeita?

Resp. – A simpatia que atrai um Espírito a outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.

5. A identidade necessária à existência da simpatia perfeita apenas consiste na analogia dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

Resp. – Na igualdade dos graus de elevação.

6. Podem tornar-se simpáticos futuramente Espíritos que no momento não o são?

Resp. – Todos o serão. Um Espírito, que hoje está numa esfera inferior, ascenderá, aperfeiçoando-se, à em que se acha tal outro Espírito. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mais elevado, suportando mal as provas a que se submeteu, demorou-se no mesmo estado.

7. Podem deixar de ser simpáticos um ao outro, dois Espíritos que já o sejam?

Resp. – Certamente, se um deles for preguiçoso.

Essas respostas resolvem perfeitamente a questão. A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem, decerto, a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Sendo necessariamente limitado o campo de suas idéias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a idéia de que, criado um para o outro, dois Espíritos tenham fatalmente de reunir-se um dia na eternidade, depois de estarem separados por tempo mais ou menos longo.³¹

31 **N. do T.:** Esse assunto não foi abordado na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, dada a lume por Allan Kardec a 18 de abril de 1857, e que continha somente 501 perguntas, divididas em três partes. Aparece na segunda edição – definitiva – de 1860. As sete questões acima correspondem às perguntas de números 298 a 303 a, do referido livro, acrescidas dos comentários com que o Codificador as enriqueceu.

Vide Nota à questão 324, inserta no final do livro *O Consolador*, do Espírito Emmanuel, editado pela FEB e psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, a respeito da teoria das almas gêmeas.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

MOZART

Um de nossos assinantes nos comunicou as duas entrevistas seguintes, que se deram com o Espírito Mozart. Ignoramos onde e quando se realizaram; desconhecemos o interpelante e o médium; somos, pois, completamente estranhos a tudo isso. Notar-se-á, no entanto, a concordância perfeita existente entre as respostas obtidas e as que foram dadas por outros Espíritos sobre diversos pontos capitais da Doutrina, em circunstâncias inteiramente diferentes, seja a nós, seja a outras pessoas, e que relatamos em nossos fascículos anteriores e em *O Livro dos Espíritos*. Sobre tal analogia chamamos a atenção dos nossos leitores, que dela tirarão a conclusão que julgarem mais acertada. Aqueles, pois, que pudessem ainda pensar que as respostas às nossas perguntas são um reflexo de nossas opiniões pessoais, por aí verão se nessa ocasião pudemos exercer uma influência qualquer. Felicitamos as pessoas por meio das quais essas entrevistas foram obtidas, bem como a maneira por que as perguntas foram elaboradas. Apesar de certas falhas que revelam a inexperiência dos interlocutores, em geral são formuladas com ordem, clareza e precisão, e de modo algum se afastam da linha de seriedade, condição essencial para se obter boas comunicações. Os Espíritos elevados dirigem-se às pessoas sérias que de boa-fé desejam ser esclarecidas; os Espíritos levianos divertem-se com as pessoas frívolas.

PRIMEIRA CONVERSA

1. Em nome de Deus, Espírito Mozart, estás aqui?

Resp. – Sim.

2. Por que és Mozart, e não um outro Espírito?

Resp. – Foi a mim que evocastes: então vim.

3. Que é um médium?

Resp. – O agente que une o meu ao teu Espírito.

4. Quais as modificações, tanto fisiológicas quanto anímicas que, mau grado seu, sofre o médium ao entrar em ação intermediária?

Resp. – Seu corpo nada sente, mas seu Espírito, parcialmente desprendido da matéria, está em comunicação com o meu, unindo-me a vós.

5. O que se passa nele nesse momento?

Resp. – Nada para o corpo; mas uma parte de seu Espírito é atraída para mim; faço sua mão agir pelo poder que meu Espírito exerce sobre ele.

6. Assim, o médium entra em comunicação com uma individualidade espiritual diferente da sua?

Resp. – Certamente; tu também, sem que sejas médium estás em contato comigo.

7. Quais os elementos que concorrem para a produção desse fenômeno?

Resp. – A atração dos Espíritos para instruir os homens; leis de eletricidade física.

8. Quais são as condições indispensáveis?

Resp. – É uma faculdade concedida por Deus.

9. Qual o princípio determinante?

Resp. – Não o posso dizer.

10. Poderias revelar-nos as suas leis?

Resp. – Não, não; não agora. Mais tarde sabereis tudo.

11. Em que termos positivos poder-se-ia anunciar a fórmula sintética desse maravilhoso fenômeno?

Resp. – Leis desconhecidas que, por ora, não poderéis compreender.

12. Poderia o médium pôr-se em relação com a alma de uma pessoa viva, e em que condições?

Resp. – Facilmente, se a pessoa estiver dormindo.³²

13. O que entendes pela palavra *alma*?

Resp. – A centelha divina.

14. E por Espírito?

Resp. – Espírito e alma são a mesma coisa.

15. Como Espírito imortal, tem a alma a consciência do ato da morte, a consciência de si mesma ou do *eu* imediatamente após a morte?

Resp. – A alma nada sabe do passado, nem conhece o futuro senão após a morte do corpo; vê, então, sua vida passada e as últimas provas que sofrerá; assim, não se deve lamentar o que se sofre na Terra, a tudo suportando com coragem.

16. Após a morte acha-se a alma desprendida de todo elemento, de todo liame terrestre?

Resp. – De todo elemento, não; tem ainda um fluido que lhe é próprio, que haure na atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação; os laços terrenos nada mais são para ela.

17. Sabe ela donde vem e para onde vai?

Resp. – A décima quinta resposta resolve essa questão.

32 Se uma pessoa viva for evocada em estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação ou, pelo menos, sofrer um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; freqüentemente, porém, a evocação não surte qualquer efeito, sobretudo se não for feita com intenção séria e com benevolência.

18. Nada leva consigo daqui da Terra?

Resp. – Somente a lembrança de suas boas ações, o pesar de suas faltas e o desejo de ir para um mundo melhor.

19. Abarca num golpe de vista retrospectivo o conjunto de sua vida passada?

Resp. – Sim, para servir à sua vida futura.

20. Entrevê o fim da vida terrestre, o significado e o sentido desta vida, assim como a importância do destino que aqui se cumpre, em relação à vida futura?

Resp. – Sim; compreende a necessidade de depuração para chegar ao infinito; quer purificar-se para alcançar os mundos bem-aventurados. Sou feliz; porém, ainda não me encontro nos mundos onde se desfruta da visão de Deus!

21. Existe na vida futura uma hierarquia dos Espíritos? Qual a sua lei?

Resp. – Sim; é o grau de depuração que a marca: a bondade e as virtudes são os títulos de glória.

22. Como potência progressiva, é a inteligência que nela determina a marcha ascendente?

Resp. – Sobretudo as virtudes: o amor do próximo, especialmente.

23. Uma hierarquia dos Espíritos faria supor uma outra de residência. Existe esta última? Sob que forma?

Resp. – Dom de Deus, a inteligência é sempre a recompensa das virtudes: caridade, amor ao próximo. Os Espíritos habitam diferentes planetas, conforme seu grau de perfeição; aí desfrutam de maior ou menor felicidade.

24. O que se deve entender por Espíritos superiores?

Resp. – Os Espíritos purificados.

25. Nosso globo terrestre é o primeiro desses degraus, o ponto de partida, ou procedemos de uma região mais inferior ainda?

Resp. – Há dois globos antes do vosso, que é um dos menos perfeitos.

26. Qual o mundo que habitas? Ali és feliz?

Resp. – Júpiter. Nele desfruto de grande calma; amo a todos os que me rodeiam; não temos ódio.

27. Se guardas lembrança da vida terrestre, deves recordar-te do casal A..., de Viena; já os vistes após a tua morte? Em que mundo e em que condições?

Resp. – Não sei onde estão; não to posso dizer. Um é mais feliz que o outro. Por que me falas deles?

28. Por uma única palavra, indicativa de um fato capital de tua vida, e que não podes ter esquecido, seria possível forneceres uma prova certa dessa lembrança? Intimo-te a dizer essa palavra.

Resp. – Amor; reconhecimento.

SEGUNDA CONVERSA

O interlocutor não é mais o mesmo. Pela natureza da conversa, é possível que se trate de um músico, feliz por se entreter com um mestre. Após diversas perguntas, que nos pareceram inútil relatar, diz Mozart:

1. Acabemos com as perguntas de G...: conversarei contigo; dir-te-ei o que em nosso mundo entendemos por melodia. Por que não me evocaste mais cedo? Ter-te-ia respondido.

2. O que é melodia?

Resp. – Para ti muitas vezes é uma lembrança da vida passada; teu Espírito recorda aquilo que entreviu num mundo melhor.

No planeta em que habito – Júpiter – há melodia em toda parte: no murmúrio da água, no crepitar das folhas, no *canto do vento*; as flores sussurram e cantam; tudo torna os sons melódiosos. Sê bom; conquista esse planeta por tuas virtudes; bem escolheste, cantando a Deus: a música religiosa auxilia a elevação da alma. Como gostaria de vos poder inspirar o desejo de ver esse mundo onde somos tão felizes! Todos somos caridosos; tudo ali é belo e a Natureza é tão admirável! Tudo nos inspira o desejo de estar com Deus. Coragem! Coragem! Acreditai em minha comunicação espírita: sou eu mesmo que aqui me encontro; desfruto do poder de vos dizer o que experimentamos; possa eu vos inspirar bastante o amor ao bem, para vos tornardes dignos desta recompensa, que nada é ao lado de outras a que aspiro!

3. Nossa música é a mesma em outros planetas?

Resp. – Não; nenhuma música poderá vos dar uma idéia da música que temos aqui: é divina! Oh! Felicidade! Faz por merecer o gozo de semelhantes harmonias: luta! coragem! Não possuímos instrumentos: os coristas são as plantas e as aves; o pensamento compõe e os ouvintes desfrutam sem audição material, sem o auxílio da palavra, e isso a uma distância incomensurável. Nos mundos superiores isso é ainda mais sublime.

4. Qual a duração da vida de um Espírito encarnado em outro planeta que não o nosso?

Resp. – Curta nos planetas inferiores; mais longa nos mundos como esse em que tenho a felicidade de estar; Em Júpiter ela é, em média, de trezentos a quinhentos anos.

5. Haverá alguma vantagem em voltar-se a habitar a Terra?

Resp. – Não; a menos que seja em missão, porque então avançamos.

6. Não se seria mais feliz permanecendo na condição de Espírito?

Resp. – Não, não! Estacionar-se-ia e o que se quer é caminhar para Deus.

7. É a primeira vez que me encontro na Terra?

Resp. – Não; mas não posso falar do passado de teu Espírito.

8. Eu poderia ver-te em sonho?

Resp. – Se Deus o permitir, far-te-ei ver a minha habitação em sonho, e dela guardarás lembrança.

9. Onde estás aqui?

Resp. – Entre tu e tua filha; vejo os dois; estou sob a forma que tinha quando estava vivo.

10. Eu poderia ver-te?

Resp. – Sim; crê e verás; se tivesses mais fé, ser-nos-ia permitido dizer o porquê; tua própria profissão é um laço entre nós.

11. Como entraste aqui?

Resp. – O Espírito atravessa tudo.

12. Estás ainda muito longe de Deus?

Resp. – Oh! Sim!

13. Melhor que nós, compreendes o que seja a eternidade?

Resp. – Sim, sim, mas não o podeis compreender no corpo.

14. Que entendes por Universo? Houve um início e haverá um fim?

Resp. – Segundo vós o Universo é a Terra! Insensatos! O Universo não teve começo nem terá fim; considerai que é obra de Deus; o Universo é o infinito.

15. Que devo fazer para me acalmar?

Resp. – Não te inquietes tanto pelo teu corpo. Tens perturbado o Espírito. Resiste a essa tendência.

16. O que é essa perturbação?

Resp. – Temes a morte.

17. Que devo fazer para não temê-la?

Resp. – Crer em Deus; sobretudo acreditar que Deus não separa um pai *útil* de sua família.

18. Como alcançar essa calma?

Resp. – Pela vontade.

19. Onde haurir essa vontade?

Resp. – Desvia o teu pensamento disso pelo trabalho.

20. Que devo fazer para aperfeiçoar o meu talento?

Resp. – Podes evocar-me; obtive a permissão de inspirar-te.

21. Quando eu estiver trabalhando?

Resp. – Certamente! Quando quiseres trabalhar, estarei perto de ti algumas vezes.

22. Ouvirás a minha obra? (uma obra musical do interpelante).

Resp. – És o primeiro músico que me evoca; venho a ti com prazer e ouço as tuas obras.

23. Como explicar que não tenhas sido evocado?

Resp. – Fui evocado; não, porém, por músicos.

24. Por quem?

Resp. – Por várias damas e curiosos, em Marselha.

25. Por que a *Ave-Maria* me comove até as lágrimas?

R. Teu Espírito se desprende e junta-se ao meu e ao de Pergolesi, que me inspirou essa obra, mas esqueci aquele trecho.

26. Como pudeste esquecer a música composta por ti mesmo?

Resp. – A que tenho aqui é tão bela! Como lembrar daquilo que era só matéria?

27. Vês minha mãe?

Resp. – Ela está reencarnada na Terra.

28. Em que corpo?

Resp. – Nada posso dizer a propósito.

29. E meu pai?

Resp. – Está errante para auxiliar no bem; fará tua mãe progredir; reencarnarão juntos e serão felizes.

30. Ele me vem ver?

Resp. – Muitas vezes; a ele debes teus impulsos caritativos.

31. Foi minha mãe quem pediu para reencarnar-se?

Resp. – Sim; tinha grande vontade de elevar-se por uma nova prova e adentrar num mundo superior à Terra; já deu um passo imenso nesse sentido.

32. Que queres dizer com isso?

Resp. – Ela resistiu a todas as tentações; sua vida na Terra foi sublime, comparada com seu passado, que foi o de um Espírito inferior. Assim, já galgou alguns degraus.

33. Havia escolhido, então, uma prova acima de suas forças?

Resp. – Sim, foi isso.

34. Quando sonho que a vejo, é ela própria que aparece?

Resp. – Sim, sim.

35. Se tivessem evocado Bichat no dia da inauguração de sua estátua, teria ele respondido? Estaria lá?

Resp. – Ele estava lá, e eu também.

36. Por que também estavas lá?

Resp. – Pela mesma razão que vários outros Espíritos, que desfrutam o bem e se sentem felizes por ver que glorificais os que se ocupam da humanidade sofredora.

37. Obrigado, Mozart; adeus.

Resp. – Crede, crede, estou aqui... Sou feliz... Crede que há mundos acima do vosso... Crede em Deus... Evocai-me mais freqüentemente, e em companhia de músicos; ficarei feliz em vos instruir e em contribuir para a vossa melhoria, e em vos ajudar a subir para Deus.

O ESPÍRITO E OS HERDEIROS

De Haia, na Holanda, um de nossos assinantes comunica-nos o seguinte fato, ocorrido num círculo de amigos que se ocupavam com as manifestações espíritas. Isso prova uma vez mais – diz ele – e sem nenhuma contestação possível, a existência de um elemento inteligente e invisível, agindo individual e diretamente sobre nós.

Os Espíritos se anunciam pelo movimento de pesadas mesas e pelas pancadas que desferem. Pergunta-se-lhes os nomes: finados Sr. M. e Sra. G., muito afortunados durante a existência; o marido, de quem provinha a fortuna, não tendo filhos deserdou seus parentes próximos em favor da família da esposa, morta pouco tempo antes dele. Entre as nove pessoas presentes à sessão, encontravam-se duas damas deserdadas, bem como o marido de uma delas.

O Sr. G. fora sempre um pobre diabo e o mais humilde servidor de sua esposa. Após a morte desta, sua família instalou-se

em sua casa para cuidar dele. O testamento foi feito com o atestado de um médico, declarando que o moribundo gozava da plenitude de suas faculdades mentais.

O marido da dama deserdada, que designaremos sob a inicial R..., usou da palavra nestes termos: “Como ousais apresentar-vos aqui depois do escandaloso testamento que fizestes?” A seguir, exaltando-se cada vez mais, acabou por lhe dizer injúrias. A mesa, então, deu um salto e atirou a lâmpada com força na cabeça do interlocutor. Este lhe pediu desculpas por aquele primeiro impulso de cólera e aquela perguntou-lhes o que vinham fazer ali. – R. Viemos prestar conta das razões de nossa conduta. (As respostas eram dadas por meio de pancadas indicando as letras do alfabeto).

Conhecendo a inépcia do marido, o Sr. R. disse-lhe bruscamente que ele devia retirar-se e que só ouviria a esposa.

Então o Espírito desta disse que a senhora R... e sua irmã eram bastante ricas e poderiam passar muito bem sem a sua parte na herança; que alguns eram maus e que outros, enfim, deveriam sofrer essa prova; que por tais razões aquela fortuna melhor convinha à sua própria família. O Sr. M. não se deu por satisfeito com essas explicações e manifestou sua cólera em reprimendas injuriosas. A mesa, então, agitou-se violentamente, empinou-se, bateu fortes pancadas no assoalho e atirou mais uma vez a lâmpada sobre o Sr. R... Após acalmar-se, o Espírito tentou convencer que, desde sua morte, tinha sido informado de que o testamento fora ditado por um Espírito superior. O Sr. R... e suas senhoras, não mais desejando prosseguir em uma contestação inútil, ofereceu-lhe sincero perdão. Logo a mesa se levantou para o lado do Sr. R... e desceu suavemente contra o seu peito, como se quisesse abraçá-lo; as duas senhoras receberam o mesmo gesto de gratidão. A mesa tinha uma vibração muito pronunciada. Serenados os ânimos, o Espírito lamentou a herdeira atual, dizendo que acabaria por tornar-se louca.

O Sr. R. o censurou também, mas afetuosamente, por não haver feito o bem durante a vida, quando possuía tão grande fortuna, acrescentando que ela não era lamentada por ninguém. “Sim, respondeu o Espírito, há uma pobre viúva que mora na rua...; ainda pensa em mim com freqüência, porque algumas vezes lhe dei alimento, roupa e aquecimento.”

Não havendo o Espírito dado o nome dessa pobre mulher, um dos assistentes foi à sua procura e a encontrou no endereço indicado. E, o que não é menos digno de nota é que, depois da morte da Sra. G..., a viúva havia mudado de domicílio. É este último que foi indicado pelo Espírito.

Morte de Luís XI

Extraído do manuscrito ditado por Luís XI à Senhorita Ermance Dufaux

Nota. – Rogamos aos nossos leitores que se reportem às observações que fizemos sobre estas notáveis comunicações em nosso artigo de março último.

Não me sentindo bastante firme para ouvir pronunciar a palavra morte, muitas vezes tinha recomendado a meus oficiais que apenas me dissessem, quando me vissem em perigo: “Falai pouco”, e eu saberia o que isso significava. Quando já não havia mais esperança, Olivier le Daim me disse duramente, na presença de Francisco de Paula e de Coittier:

– Majestade, é preciso que nos desobriguemos de nosso dever. Não tendes mais esperanças neste santo homem, nem em qualquer outro, porquanto chegastes ao fim; pensai em vossa consciência; não há mais remédio.

A essas palavras cruéis, toda uma revolução operou-se em mim; eu já não era o mesmo homem e me surpreendia comigo

mesmo. O passado desenrolou-se rapidamente ante meus olhos e as coisas me pareceram sob um aspecto novo: não sei que de estranho se passava em mim. O duro olhar de Olivier le Daim, fixado sobre o meu rosto, parecia interrogar-me. Para subtrair-me a esse olhar frio e inquisidor, respondi com aparente tranqüilidade:

– Espero que Deus me ajude; talvez eu não esteja tão doente como imaginais.

Ditei minhas últimas vontades e mandei para junto do jovem rei aqueles que ainda me cercavam. Encontrei-me só com meu confessor, Francisco de Paula, le Daim e Coittier. Francisco me fez uma exortação tocante; a cada uma de suas palavras parecia que os meus vícios se apagavam e que a natureza retomava seu curso; senti-me aliviado e comecei a recobrar um pouco de esperança na clemência de Deus.

Recebi os últimos sacramentos com uma piedade firme e resignada. Repetia a cada instante: “Nossa Senhora de Embrun, minha boa Senhora, ajudai-me!”

Terça-feira, 30 de agosto, cerca de sete horas da noite, caí em nova prostração; todos os que estavam presentes, crendo-me morto, retiraram-se. Olivier le Daim e Coittier, temendo a execração pública, permaneceram junto ao meu leito, já que não tinham outro asilo.

Logo recobrei inteiramente a consciência. Ergui-me, sentei-me na cama e olhei em torno de mim; ninguém de minha família lá estava; nenhuma mão amiga buscava a minha nesse momento supremo, para suavizar-me a agonia numa última carícia. Àquela hora, talvez, meus filhos, se divertissem, enquanto seu pai morria. Ninguém pensou que o culpado ainda pudesse ter um coração que compreendesse o seu. Procurei ouvir um soluço abafado, mas só ouvi as risadas dos dois miseráveis que estavam junto de mim.

Em um canto do quarto, percebi minha galga favorita que morria de velha. Meu coração estremeceu de alegria: tinha um amigo, um ser que me estimava.

Fiz-lhe sinal com a mão; a galga se arrastou com dificuldade até o pé de meu leito e veio lambe-me a mão agonizante. Olivier percebeu esse movimento; praguejando, levantou-se bruscamente e golpeou o infeliz animal com um bastão até que morresse; ao morrer, meu único amigo lançou-me um longo e doloroso olhar.

Olivier empurrou-me violentamente sobre o leito. Deixei-me cair e entreguei a Deus a minha alma culpada.

Variedades

O FALSO HOME

Lia-se há pouco tempo, nos jornais de Lyon, o seguinte anúncio, veiculado igualmente em cartazes fixados nas paredes da cidade:

“O Sr. Hume, o célebre médium americano, que teve a honra de fazer suas experiências perante S. M. o Imperador ³³, a partir de quinta-feira, 1^o de abril, dará sessões de espiritualismo no grande teatro de Lyon. Produzirá aparições, etc., etc. Poltronas especiais serão dispostas no teatro para os senhores médicos e sábios, a fim de poderem assegurar-se de que nada foi preparado. As sessões

33 **N. do T.:** Napoleão III. Último Imperador francês, o sobrinho de Napoleão Bonaparte não disfarçava seu interesse pela Doutrina Espírita. A pedido seu, o próprio Allan Kardec compareceu às Tulherias para tratar da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos*. Sabe-se, inclusive, que memoráveis sessões espíritas de efeitos físicos foram realizadas no antigo palácio de Catarina de Médicis, na presença do Soberano e da Imperatriz Eugênia. Excessivamente modesto e discreto, traços marcantes de sua personalidade, jamais o Codificador fez alarde desse fato.

serão variadas pelas experiências da célebre vidente, Sra..., sonâmbula extralúcida, que reproduzirá sucessivamente todos os sentimentos, à vontade dos espectadores. Preço dos lugares: 5 francos – primeira classe; e 3 francos – segunda classe.”

Os antagonistas do Sr. Home (alguns escrevem Hume) não quiseram perder essa ocasião de o expor ao ridículo. Em seu ardente desejo de fisgá-lo, acolheram essa grosseira mistificação com uma solícitude que bem atesta a sua má-fé e o seu desprezo pela verdade, porquanto, antes de atirar pedras nos outros é preciso assegurar-se de que elas não errarão o alvo. Mas a paixão é cega, não raciocina e, muitas vezes, engana-se a si mesma na tentativa de prejudicar os outros. “Eis, pois”, exclamaram jubilosos, “esse homem tão glorificado, reduzido a mostrar-se nos palcos, dando espetáculos a tanto por pessoa!” E os seus jornais a darem crédito ao fato sem maior exame. Infelizmente, para eles, sua alegria não durou muito. Mais que depressa, nos escreveram de Lyon para obter informações que pudessem ajudar a desmascarar a fraude, e isso não foi difícil, graças, sobretudo, ao zelo de numerosos adeptos que o Espiritismo conta naquela cidade. Assim que o diretor do teatro soube de que negócio se tratava, imediatamente dirigiu aos jornais a carta seguinte: “Senhor redator: Apresso-me a informar que o espetáculo anunciado para quinta-feira, 1^a de abril, no grande teatro, não mais será realizado. Eu julgava haver cedido a sala ao Sr. Home, e não ao Sr. Lambert Laroche, que se diz Hume. As pessoas que antecipadamente obtiveram camarotes ou cadeiras numeradas na platéia poderão apresentar-se à bilheteria para serem reembolsadas.”

Por outro lado, o acima mencionado Lambert Laroche (natural de Langres), interpelado acerca de sua identidade, achou por bem responder nos seguintes termos, que reproduzimos na íntegra, visto não desejarmos absolutamente que ele nos possa acusar da menor alteração:

“Vós me submeteste diverças extra de vossas correspondência de Paris, das quais resulta que um Sr. Home que dá cessão

*nalgum salão da capitale, se acha nesse momento na Intália e não pode por consequênça se achar em Lyon. Senbor, eu ingnuoro 1ª conhecer esse Sr. Home, 2ª eu não sei quale é o seu talento, 3ª eu nunca tive nada de comum cum esse Sr. Home, 4ª eu trabaiei e trabaio cum nomi de guerra que é Hume do qual eu justifico pelos artigo de jornais du estrangeiro e francês que vos é submetido 5ª viajo cum dois cumpanhéro meu gênero de isperiença consiste em espiritualismo ou evocação vizão, e numa palavra reprodução das idéa do ispectador por um sujeito, minha ispecialidade é de operá por esse procedimento sobre as pessoa estrangeiras, como se se pode ver nos jornais que vein da espanha e da africa. Assim Sr. redator, vos demonstro que eu não quinz tomar o nome desse pretendido Home que vós dizéis em reputassão, o meu é sufisientemente conbesido por sua grande notoredade e pelas isperiença que possul. Recebei Sr. redator minhas saudassão atensiosa.”*³⁴

Cremos inútil dizer que o Sr. Lambert Laroche deixou Lyon com as honras da guerra. Por certo irá a outros lugares em busca de pessoas mais fáceis de enganar. Acrescentamos somente uma palavra para exprimir nosso pesar, por vermos com que deplorável avidez certas pessoas, que se dizem sérias, acolhem tudo quanto possa servir à sua animosidade. O Espiritismo goza hoje de muita reputação para temer a charlatanice; não é mais aviltado pelos charlatães do que a verdadeira ciência médica pelos curandeiros das encruzilhadas; por toda parte encontra, sobretudo entre as pessoas esclarecidas, zelosos e numerosos defensores, que sabem afrontar as zombarias. Longe de prejudicar, o caso de Lyon apenas serve à sua propagação, ao chamar a atenção dos indecisos para a realidade. Quem sabe até se não foi provocado com essa finalidade por um poder superior? Quem pode se vangloriar de sondar os desígnios da Providência? Quanto aos adversários do Espiritismo, permite-se-lhes rir, jamais caluniar; alguns anos ainda e veremos quem dará a última palavra. Se é lógico duvidar daquilo que não se conhece, é sempre imprudente inscrever-se em falso contra as idéias

34 **N. do T.:** Grifos nossos. A tradução aqui apresentada tenta reproduzir, embora sem muito sucesso, o linguajar e a escrita de uma pessoa semi-analfabeta. Torna-se bastante evidente a pouca cultura do missivista.

novas que, mais cedo ou mais tarde, podem dar um humilhante desmentido à nossa perspicácia: a História aí está para o provar. Aqueles que, no seu orgulho, aparentam piedade dos adeptos da Doutrina Espírita, estarão tão elevados quanto imaginam? Esses Espíritos, que ridicularizam, recomendam que se faça o bem e proíbem o mal, mesmo aos inimigos; eles nos dizem que nos rebaixamos pelo só desejo do mal. Qual é, pois, o mais elevado – o que procura fazer o mal ou aquele que não guarda em seu coração nem ódio nem rancor?

O Sr. Home regressou a Paris há pouco tempo; mas deve partir sem demora para a Escócia e, de lá, para São Petersburgo.

Manifestações no Hospital de Saintes

O jornal *Indépendant de la Charente-Inférieure* narrava, no mês de março passado, o seguinte fato que teria ocorrido no hospital civil de Saintes:

“Contam-se histórias maravilhosas e nesses oito dias não se fala senão dos estranhos ruídos que, todas as noites, ora imitam o trote de um cavalo, ora a marcha de um cachorro ou de um gato. Garrafas colocadas sobre a lareira são lançadas para o outro lado do quarto. Um pacote de trapos velhos foi encontrado, certa manhã, torcido em mil nós, impossíveis de desatar. Um papel, sobre o qual haviam escrito: “Que queres? que pedes?”, foi deixado uma noite sobre a lareira; na manhã do dia seguinte estava escrita a resposta, mas em caracteres desconhecidos e indecifráveis. Fósforos colocados sobre uma mesa, à noite, desapareceram como por encanto; enfim, todos os objetos mudaram de lugar e se espalharam por todos os cantos. Tais sortilégios somente ocorrem na obscuridade da noite. Desde que se faça a luz, tudo volta ao silêncio; apagando-a, os ruídos logo recomeçam. É um Espírito amigo das trevas. Várias pessoas, eclesiásticos, antigos militares deitaram-se nesse quarto enfeitado e foi-lhes impossível descobrir alguma coisa ou dar-se conta do que ouviam.

“Um empregado do hospital, suspeito de ser o autor dessas travessuras, acaba de ser despedido. Assegura-se, porém, que ele não é o culpado; ao contrário, muitas vezes foi a própria vítima.

“Parece que esse caso começou há mais de um mês. Passou-se muito tempo sem que nada fosse dito, cada um desconfiando dos próprios sentidos e temendo ser levado ao ridículo. Somente há alguns dias é que se começou a falar disso.”

Observação – Ainda não tivemos tempo de nos assegurar da autenticidade dos fatos descritos acima; só os apresentamos com muita reserva; observaremos apenas que, caso tenham sido inventados, nem por isso são menos *possíveis* e nada apresentam de mais extraordinário que muitos outros do mesmo gênero, e que estão perfeitamente constatados.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

FUNDADA EM PARIS NO DIA 1^o DE ABRIL DE 1858

e autorizada por portaria do Sr. Prefeito de Polícia, conforme o aviso de S. Exa. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral, em data de 13 de abril de 1858.

A extensão por assim dizer universal que a cada dia tomam as crenças espíritas fazia vivamente desejar-se a criação de um centro regular de observações; essa lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade, cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de serem esclarecidas, contou, desde o início, entre seus associados, com homens eminentes por seu saber e posição social. Ela é chamada – disso estamos convencidos – a prestar incontestáveis serviços à comprovação da verdade. Seu regulamento orgânico lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; baseia-

se na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estrangeiros que se interessarem pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, um centro ao qual poderão dirigir-se para obter informações, e onde poderão também comunicar suas próprias observações³⁵.

Allan Kardec

35 Para todas as informações relativas à Sociedade, dirigir-se ao Sr. ALLAN KARDEC, rue Sainte-Anne, n° 59, das 2 às 4 horas; ou ao Sr. LEDOYEN, livreiro, Galeria d'Orléans, n° 31, no Palais-Royal.